European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGAO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO • 15 DE SETEMBRO DE 1984

vítimas de abandono

A senhora escreveu, em grande aflição, dizendo que fora abandonada, com seus onze filhos, pelo marido aventureiro. Desejava saber que passos tomar, que fazer em tal circunstância crítica.

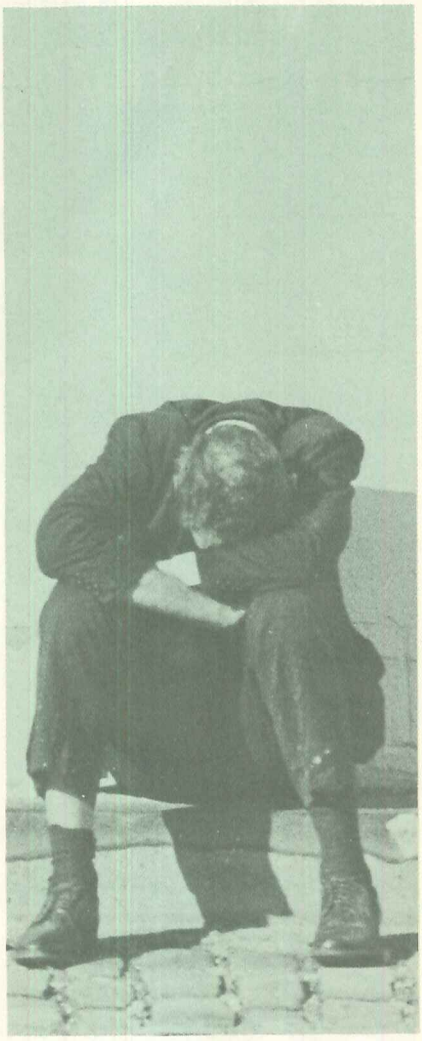
O abandono é mais que problema isolado da esposa que assinou a carta. Queixam-se pessoas de todas as idades e condições dessa praga que se alastra pelo nosso mundo. Ora são infantes abandonados em caixas de sapatos ou mesmo em depósitos de lixo; ora são crianças deixadas no meio da rua ou em lugares ermos; ora são jovens a quem os pais convidam a desaparecer da sua vista; ora são cônjuges desertados a meio da noite; ora são velhos que se acham desamparados e sem recursos—em casas vazias de tudo, em asilos indiferentes ou em hospitais aonde ninguém vai para os visitar.

Há, também, aquele outro abandono sofrido por muitos que, paradoxalmente, se acham cercados de gente, mesmo de familiares. É a rejeição emocional, aquele vazio transmitido pela experiência de que ninguém se importa com o que nos sucede.

A vida toma cores trágicas quando nos invade a impressão do abandono. Em alguns isto causa uma profunda depressão; em outros, principalmente na classe jovem, há um recrudescimento de violência, como que um grito a assinalar uma vida ignorada.

Uma das mais trágicas consequências do abandono é a imagem que deixa nas suas vítimas de que para nada valem. Quando tratadas como lixo, tendem a classificar-se de lixo. Justificam até o comportamento baixo como natural em pessoas a quem a sociedade rejeitou como se de nada valessem.

O problema é antigo e universal. O salmista Davi escreveu: "Quando meu pai e minha mãe me desampararem, o Senhor me receberá" (Salmo 27:10). A situação de abandono não poderia ter sido pintada em cores mais negativas: rejeitado por pai e mãe. O cúmulo da solidão humana acha aqui simbolismo gritante. Dele recebemos a ideia de ausência total de carinho, protecção, sustento, estímulo, educação e bases de identidade. Em ambiente como este, danos psicológicos, morais e sociais atingem a escala máxima. Mas é também deste ponto que o Salmista faz a afirmação de maior significado para toda a vítima de abandono: "O Senhor me recolherá" (Salmo 27:10b).



Esta mensagem não é utópica ou um tipo de esperança oca sobre a qual indivíduos solitários tentarão reinventar o seu futuro. Estamos, também, em presença duma promessa garantida de Deus. Ele nos recolherá—não a um asilo de caridade "oficial" ou programada, mas à intimidade de Alguém que nos ama supremamente.

"Quando o meu pai e a minha mãe me desampararem, o Senhor me recolherá". A frase não prevê uma desgraça inevitável, mas acentua uma provisão animadora. Não há vida ou circunstância, por mais solitária, para a qual não haja o recurso da companhia de Deus.

É nas palavras do mesmo Salmista que achamos esta expressão de júbilo: "Até o pardal encontrou casa, e a andorinha ninho para si e para a sua prole, junto dos teus altares, Senhor dos Exércitos, Rei meu e Deus meu" (Salmo 84:3). Todo e qualquer abandonado pela insensibilidade ou pela dureza de homens, tem ainda o Braço redentor—o de um Deus ansioso por recolher quantos criou pelas Suas próprias mãos. Mas, como agência de Deus na sociedade, cabe também à Igreja estender os braços e acolher desamparados. Se a missão é demasiado grande para as nossas forças inventariadas, lembremos que a Igreja Lhe pertence e Deus jamais falhou em providenciar recursos para a Sua própria Casa. Junto dos altares de Deus, a solidão e o abandono devem ceder lugar ao companheirismo responsável de pessoas irmanadas em Cristo. □

—Jorge de Barros

todos devem saber

Certo incrédulo escreveu há anos: "Jesus veio num tempo inoportuno. Se Ele fosse o Filho de Deus nunca teria escolhido tal época da história para vir ao mundo. As comunicações eram más; as viagens, limitadas e difíceis.

"Veio para o país menos indicado—Israel encontrava-se subjugado e tinha poucos amigos. Não era o palco apropriado donde Jesus falaria ao mundo.

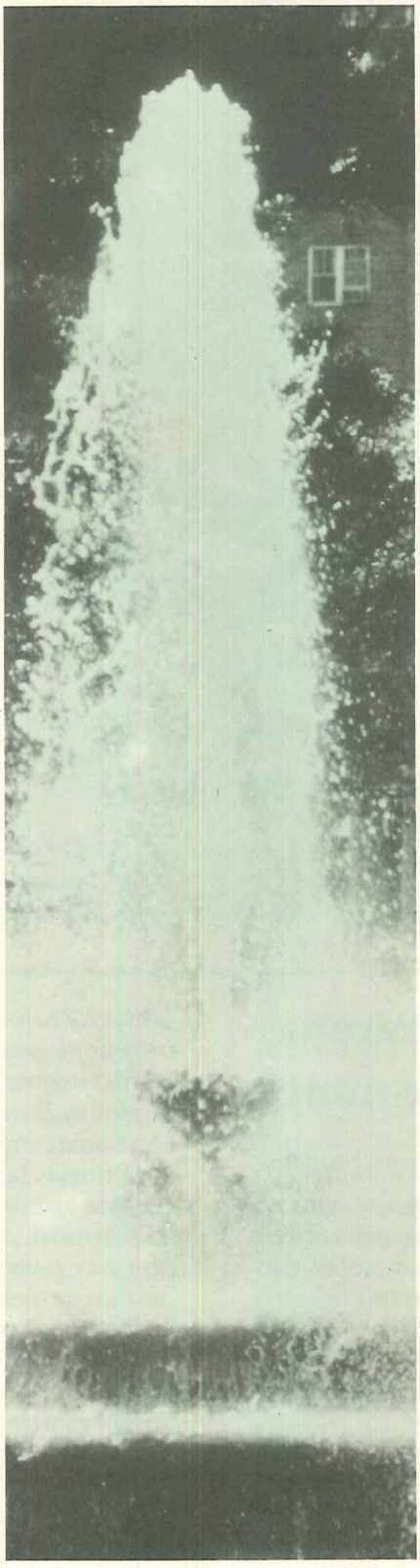
"Veio de forma equivocada. As pessoas que Ele escolheu para Sua família eram da classe mais pobre. Careciam de prestígio e de posição social. O Senhor devia ter nascido num lar aristocrático —possivelmente na casa dum governador—para assim poder estabelecer na terra uma base sólida. O manto real do poder e da cidadania romana teria sido um aliado poderoso.

"Escolheu indivíduos pouco indigitados para Seus seguidores. Não tinham instrução nem posição na sociedade.

"Jesus devia ter escolhido Roma como Sua cidade e não Belém. Devia ter nascido num palácio e não num estábulo, ter viajado por locais importantes e não apenas pelas colinas rochosas da Judeia."

Assim esse ateu—seguindo cegos e vãos raciocínios—chegou à trágica conclusão de que Jesus não podia ser o Filho de Deus. Pois "Deus", escreveu ele, "teria feito melhores e mais sábias escolhas, não as piores". Que perspectiva tão limitada! Quão erradas as suas conclusões! E como estava perdido esse homem na mente e no coração!

Cristo nasceu em Belém. Não precisava duma cidade importante; nem dum palácio humano; nem de berço real. As capitais dos



impérios desapareceram; mas não Belém e Nazaré. O Seu palácio era divino. Ele condescendeu em identificar-Se com os homens.

Não necessitou de cidadania romana, nem de toga real, nem do senado para apoiarem a Sua verdade e preceitos. Os senados desaparecem com o tempo, os seus papéis amarelecem e tornam-se obsoletos.

Jesus não precisou de exércitos que marchassem ao Seu lado, nem de espadas ou lanças de guerra sangrentas no campo de batalha da futilidade. Se precisasse, podia dispor de "dez mil anjos". Ele rodeou-Se de homens cheios do Espírito Santo que trilharam as estradas dessa época e os caminhos do necessitado.

Ele não precisou de sair da Judeia, da Galileia e da Samaria porque atravessa todas as idades e todos os caminhos da terra.

O Senhor veio "na plenitude dos tempos", como Deus o tinha planeado, para oferecer ao homem arrependimento e perdão dos pecados; para abrir uma fonte onde o pecador pudesse ser purificado; para santificar; para enviar a promessa de Deus, o Espírito Santo; "para tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra" (Efésios 1:10).

Toda a terra é Sua. O tempo é Seu. O céu pertence-Lhe. A eternidade também.

Hoje mesmo, você pode ouvir a Sua chamada, buscar o Seu perdão, encontrar nova vida e conhecer Aquele que dá vida eterna.

Todos devem saber quem é Jesus. □

—V. H. Lewis
Superintendente Geral

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XIII — Número 18
15 de Setembro de 1984

BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE *(USPS 393-310)* é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S. $2.00; número avulso, U.S. $ .10. Favor dirigir toda a correspondência à **Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.**

O ARAUTO DA SANTIDADE *(USPS 393-310)* is published semi-monthly by Publications Services—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the **Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A.** Subscription price: U.S. $2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

FOTOS:
CAPA: Brian, filho dos missionários Steve e Brenda Heap, entusiasta do desporto-rei da sua terra natal, o Brasil. —Scott
P. 2—R. Lee
P. 4—J. Barros

A CRIANÇA: UM GRANDE DESAFIO

—Jack W. Furbee

Embora o propósito da igreja seja servir toda a congregação, a criança deve estar em primeiro lugar na lista de prioridades. Neste trabalho precisamos de maior estímulo. Se as crianças desenvolverem atitudes saudáveis para coma igreja e a sua missão na sociedade, o futuro da fé cristã estará garantido. Nós, como igreja, devemos estimular o aumento das que permanecem e reduzir o número das que saem. O comportamento das que se afastam tem as suas justificações.

Reconheçamos que os meninos de hoje estão mais conscientes da sua dignidade como seres humanos do que em gerações passadas. Eles resistem à extrema condescendência que por vezes caracteriza os adultos. Talvez nós tenhamos pensado que as crianças estão na Escola Dominical para nos obedecerem ou para se tornarem felizes. Não estamos interessados em escutá-las ou observar a sua conduta. Para nos agradarem, elas têm de assumir uma atitude passiva.

As crianças constituem hoje o nosso maior desafio, não só na igreja como também na sociedade. Se estamos dispostos a amoldar-nos a outros grupos étnicos ou raciais, também o devemos estar com respeito às crianças. Elas serão num futuro pró-

as escolas nazarenas —mais importantes que nunca

—Neil E. Hightower

O ensino superior foi sempre importante para os nazarenos. O facto de nossos líderes nos primórdios da igreja chamarem *universidades* às escolas não mostra ousadia; antes, a importância que eles atribuíam à educação. Confiavam na verdade expressa por Christopher Morley: "Quando você vende um livro a alguém não só vende papel, tinta e cola—mas uma vida completamente nova".

Agora, com algumas faculdades particulares sob o pesadelo da insuficiência de fundos e outras a deixarem de funcionar, nós, os nazarenos, temos papel relevante no que se passa na administração de faculdades e juntas executivas. As nossas escolas encontram-se em situação relativamente saudável, mas tal não acontece por acidente. Não permitamos que declinem o nosso apoio financeiro, racional e, também, emocional.

As nossas faculdades foram desde o início instituições de artes liberais. Isto faz parte da nossa filosofia educacional. Nunca nos contentámos com apenas preparar jovens em certas especialidades, mas sentimo-nos impelidos a instruir a pessoa total no vasto espectro da aprendizagem.

Uma ampla variedade de erudição na nossa época, com recursos imprevistos, tem confirmado a sabedoria desta política. O comércio e a indústria apoiam-na. Pensadores profundos, entre os eruditos, dão-lhe ênfase. As exigências duma sociedade em mudanças rápidas pedem soluções baseadas numa filosofia inclusivista.

ximo os nossos pastores e leigos.

Precisaremos de modificar os padrões *tradicionais* de ensino? Façamo-lo. Como pai de quatro filhos, professor e conselheiro, quero ajudar-vos no trabalho com as crianças, o nosso maior desafio. Tenhamos como guia de estudo as palavras de Jesus: "Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus" (Mateus 19: 14).

Mostremos firmeza

Aprendi nos anos de experiência com crianças, que elas se relacionam mais positivamente a adultos que mostrem firmeza. Jesus compreendeu as suas características e relacionou-as com o céu: "... porque dos tais é o reino dos céus". Para facilitar o crescimento espiritual dos meninos, devemos aprender a considerá-los como seres humanos integrais e funcionais em determinado nivel de desenvolvimento. Sob este ponto de vista, podemos aproveitar o recurso da firmeza para os considerar como meninos e não como miniaturas.

A força das crianças não pode ser comparada com a dos adultos. Mas Deus deseja que elas cresçam e se desenvolvam. Respeitemos a sua atitude, de acordo com o nivel de desenvolvimento emocional, intelectual e social.

Sintonizemos os nossos pensamentos com os deles. Então descobriremos que a sua conduta merece a nossa admiração e compreensão. Muitos adultos falam quase por instinto das fraquezas dos meninos. Enchamo-nos de dedicação e de amor para tratar com eles à base da sua força.

No meio da multidão que se reuniu naquele dia em que Jesus abençoou as crianças, alguns adultos deviam pensar: "Por que perder tempo com meninos tão rudes?" Mas quando ouviram a Jesus, todos os seus falsos conceitos desapareceram. Deus criou o menino e infundiu nele algo de Si mesmo. Procuremos descobrir em cada criança essa chispa do divino.

Alvos equivocados

Aproveitemos todas as oportunidades para demostrar aos meninos o maior interesse e dedicação. Se orarmos com sinceridade por eles, receberemos o estímulo que os ajudará a crescer no santo temor de Deus.

À medida que crescem e se desenvolvem, alguns procuram ser úteis, tomam a vida de forma positiva e dedicam-se a Cristo e ao próximo. Escolhem o lado bom da vida, dedicam-se a ajudar o necessitado. Mas há outros que preferem o lado negativo: zangam-se, brigam, prejudicam os companheiros e buscam a compaixão dos adultos. Seguem alvos equivocados. Em vez de ser amáveis e úteis, tornam-se mimalhos e desobedientes. Os meninos entusiastas são os mais dinâmicos e altruístas, ao passo que os desalentados tornam-se cada vez mais egoístas. Os próprios pais estranham as mudanças para bem ou para mal dos filhos.

O "menino bom" converte-se numa pessoa ainda melhor com avenidas ilimitadas de serviço para triunfar na vida. O "menino mau" desanima com as repreensões e torna-se uma pessoa frustrada.

Se não intervierem alguns adultos dedicados e conscientes, os alvos equivocados das crianças torná-las-ão infelizes. Só um cristão bem preparado nas técnicas e na dinâmica de lidar com elas pode identificar esses alvos retorcidos e procurar corrigi-los. A repreensão e o isolamento só aumentarão o desânimo. Precisamos de boa preparação para, com a ajuda de Deus, orientarmos as crianças. Através duma vida consagrada e de oração conseguiremos encaminhá-las para Deus—o nosso maior desafio. □

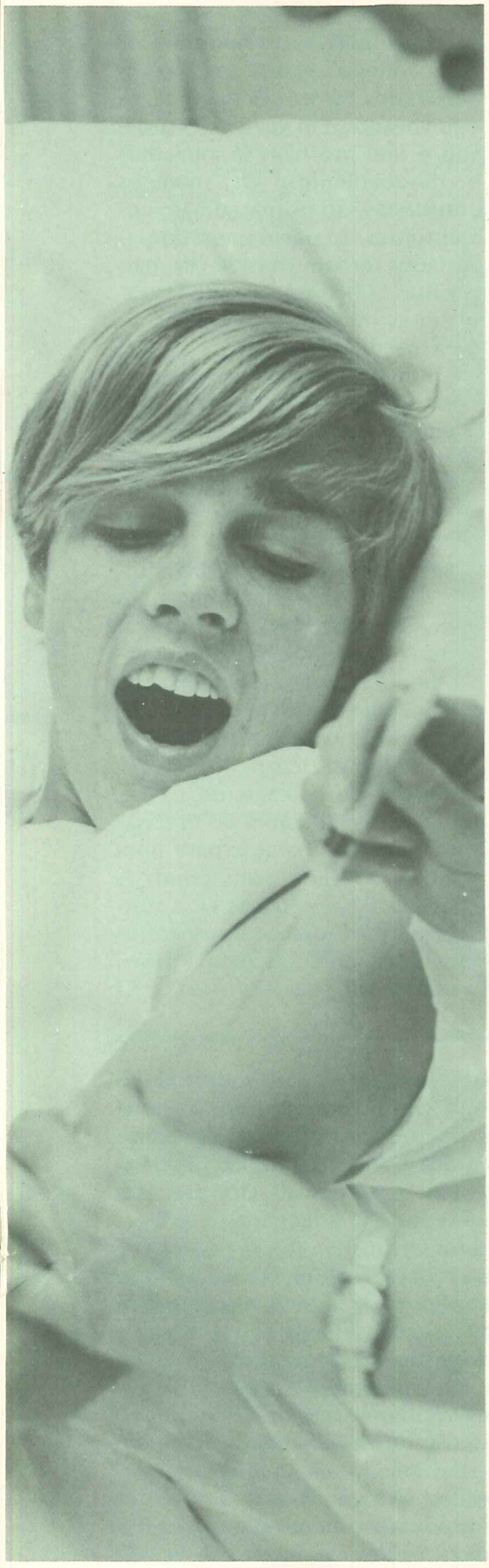
Peter Cossette, um executivo de Toronto (Canadá), disse: "As soluções para os nossos problemas são fornecidas por aqueles que se prepararam para os enfrentar". Num artigo intitulado "O Dilema do Presente" ele cataloga a necessidade de líderes com compreensão global.

O mesmo artigo apresenta uma resposta interessante do Dr. David Misner, deão duma universidade de Nova Escócia: "Há dez anos, interessava-me em preparar tecnicamente um aluno. Hoje, a verdadeira resposta está na extensão. A ideia duma base de artes liberais tem sido assunto de discussão durante muitos anos—os alunos deviam ter um curso de ciência política. No entanto, as pessoas que pensam futuramente graduar-se na área do comércio compreendem que a adaptibilidade é vital. Tornem-se flexíveis."

Ao olhar o futuro dos nossos jovens que serão dirigentes ou empregados no comércio, na indústria, no artesanato e na igreja, comprometemo-nos a acrescentar às artes liberais um extra essencial—o ponto de vista cristão. Significa o traço de "união" entre o ensino bíblico-espiritual e as demais ciências. Isto constituirá, certamente, norma adequada de educação para resolver o problema.

De vários modos, embora nenhum formal e intencional, é o que João Wesley fez no círculo de metodistas ingleses. A história considera que ele salvou a Inglaterra duma revolução sangrenta. Os problemas só serão resolvidos por homens de carácter. É verdade o que Francis W. Parker escreveu: "O objectivo de toda a educação é o desenvolvimento do carácter".

A Igreja do Nazareno tem verificado que um dos recursos chaves do nosso crescimento situa-se na importância dada à educação de artes liberais. □



POR QUÊ, SENHOR?

Perguntamos, muitas vezes, se é justo que nos aconteçam coisas más. É fácil culpar outros (Deus, pais, amigos), quando devíamos analisar e pensar se o acontecimento não resultará para bem. Sobretudo, em certas circunstâncias da vida, costumamos indagar: "Por quê, Senhor?"

Helen Keller contraiu uma doença cerebral quando tinha 19 meses. Ficou cega e surda. Durante a vida ela podia ter culpado Deus, os pais e os médicos por não impedirem a doença. "Por quê, Senhor?", teria perguntado milhares de vezes. Para que serviria nesta vida uma pessoa cega e surda?

Mas o seu espírito comprovou-se indómito. Ela recusou ser pessoa inútil. Com a ajuda duma professora dedicada, aprendeu a falar quando tinha sete anos de idade. Mais tarde aprendeu a ler e a escrever em braile. Aos 16 anos estava pronta para assistir à escola e, depois, à universidade. Em 1904 graduou-se na Universidade de Radcliff (EUA).

Terminados os estudos universitários, Helen Keller dedicou-se a ajudar outros cegos e surdos. Falou no congresso dos Estados Unidos, deu conferências, escreveu artigos e livros para recolher fundos que ajudassem a treinar outros cegos e surdos.

A sua vida inspirou milhões de pessoas a vencerem dificuldades pessoais. Durante a Segunda Guerra Mundial ela trabalhou com os soldados que perderam a vista na batalha. Mais tarde procurou melhorar as condições de vida nos países arruinados pela guerra.

Helen Keller escreveu sete livros que foram traduzidos em 50 idiomas. Recebeu prémios e condecorações de vários países.

Não precisava de perguntar. "Por quê, Senhor?" Certamente agradeceu a Deus milhares de vezes pela sua cegueira e surdez. Usou-as para cumprir uma missão importante na vida: servir de inspiração e ajuda.

Recordemos a história de José e seus irmãos. Quando José foi lançado no poço e vendido como escravo, devia ter pensado: "Por quê, Senhor?". Mas, no último capítulo de Génesis, em que ele foi nomeado primeiro ministro do Egito, vemos o "porque". Os irmãos de José estavam preocupados com o que lhe tinham feito: "Porventura nos aborrecerá José, e nos pagará, certamente, todo o mal que lhe fizemos" (v. 15).

Tinham receio; por isso, enviaram-lhe uma mensagem: "Teu pai mandou, antes da sua morte, dizendo: Assim direis a José: Perdoa, rogo-te, a transgressão dos teus irmãos, e o seu pecado, porque te fizeram mal; agora, pois, rogamos-te que perdoes a transgressão dos servos do Deus do teu pai" (vs. 16-17).

Ao ler a mensagem, José chorou. Seus irmãos foram ter com ele e prostraram-se: "Eis-nos aqui por teus servos" (v. 18). Mas José lhes disse: "Não temais, porque porventura estou eu em lugar de Deus? Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar em vida a um povo grande... Eu vos sustentarei a vós e a vossos meninos" (vs. 19-21).

A Bíblia mostra como a acção vergonhosa de vender um irmão resultou em benefício. Se

—Charles Norway

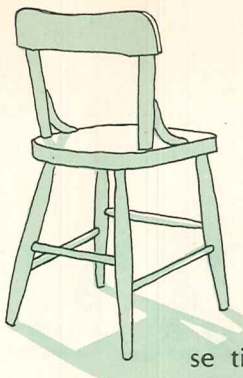
José não estivesse no Egito para interpretar os sonhos de Faraó, milhares de pessoas teriam morrido à fome.

Poderíamos imaginar um Deus que permita coisas más só por crueldade? Claro que não! Deus nos ama e age a nosso favor. Quando nos acontece algum mal, se o entregarmos a Deus, terá um resultado positivo. Em certas ocasiões é difícil prever consequências; mas, se orarmos, Deus dará a melhor resposta a nosso favor.

Na vida individual, às vezes, é-nos aplicada uma multa por termos transgredido a lei (da escola, do trânsito, da saúde), perdemos um exame ou adoecemos na véspera dum desafio desportivo em que devíamos participar. Devemos então perguntar-nos: "Poderá resultar algum bem desta situação?" Deus agirá de forma inesperada, se vivermos de acordo com o Seu propósito.

Talvez a multa sirva para sermos mais cautelosos em não transgredir a lei. Ficar mal num exame pode ser um aviso de que precisamos de estudar mais antes de passar para a classe seguinte. E, talvez, o não poder participar em determinado desporto contribua para evitar alguma lesão ou coisa pior.

Na próxima vez que alguém se recuse a sair consigo, perca o transporte público, ou receba alguma notícia má, detenha-se a pensar naquilo que aconteceu. Diga: "Algo bom *resultará* desta situação, se Deus estiver presente. Devo confiar n'Ele e fazer a Sua vontade. Então o que suceder ser-me-á proveitoso." Se você entregar a sua vida a Deus, poderá mudar a pergunta "Por quê, Senhor?", na afirmação: "Sim, meu Deus!" □



"ASSENTARAM-ME NUMA CADEIRA..."

A mãe dum menino que assistiu pela primeira vez à Escola Dominical perguntou-lhe se tinha gostado. "Não", respondeu prontamente. "Assentaram-me numa cadeira e ensinaram... ensinaram". Ao pensar na minha experiência como professora de Escola Dominical pergunto-me quantos alunos podiam repetir em suas casas: "Sentou-me numa cadeira e ensinou... ensinou!"

Creio que a primeira coisa que precisei de aprender dos meninos em geral é que eles são exactamente isso: meninos! A sua capacidade de atenção é pequena. Torna-se impossível conservá-los quietos por muito tempo. Precisam de usar a sua energia. Por isso, usemos coros que estimulem. As crianças gostam de cantar e de se movimentar. Participam com entusiasmo nas diversas actividades.

Lembremo-nos, como professores, que a classe pertence e é destinada aos alunos. Nós estamos lá unicamente para os ajudar a aprender mais de Jesus e do Seu amor. O professor deve amar os alunos e eles distinguem bem se o seu amor é genuíno. Nunca esquecerei o dia em que um dos alunos mais pequeninos me abraçou e beijou enquanto dizia "amo-te".

Dedique um tempo especial para os meninos poderem contar o que lhes sucedeu durante a semana. Gostam de conversar; e o melhor tema são eles próprios.

O momento da oração deve ser o melhor. É quando todos podemos falar com Jesus. Ele é nosso Amigo e Ajudador. Interessa-Se por nós e ouve-nos. Uma vez ou outra, sentados nas cadeiras e com a cabeça baixa, elevamos o pensamento a Deus. Não obrigue os meninos a orar, mas anime-os a fazê-lo.

A narração da história bíblica pode ser tão emocionante como qualquer livro de aventuras ou programa de televisão. Certa companheira de trabalho cativava facilmente as crianças. Observei o que ela fazia. Em primeiro lugar, não lia nem uma palavra da lição. Sabia-a de cor. Contava a história com diferentes tons de voz e todos os meninos participavam. Agora eu imito essa amiga. Preparo-me bem e incluo nela os alunos. A lição torna-se muito mais interessante e divertida.

Os recursos visuais são importantes. O meu marido contou a parábola do bom samaritano utilizando meninos. Ele era o narrador e o bom samaritano. Um dos meninos fazia do homem que caíra nas mãos de salteadores. Outros faziam de viajantes que passavam de lado. Depois, o bom samaritano parou, curou-lhe as feridas e levou-o a uma estalagem. Desta forma a parábola tornou-se mais interessante e incluiu vários meninos. Estes gostam de usar a imaginação.

As lições bíblicas contadas por meio de figuras expostas no quadro são atraentes. Os meninos podem recortar as figuras e colá-las a uma folha de papel ou cartolina. Assim será mais fácil tê-los atentos.

Os alunos da minha classe têm o seu próprio quadro de notícias. Eles ajudam a colocar os anúncios. Não ficam tão bem como quando o fazem os adultos, mas as crianças sentem que é algo que elas produziram, não o que fez a professora.

Permita que os seus alunos participem o mais possível em todas as actividades da classe. Que eles não possam dizer: "Sentou-me numa cadeira e ensinou... ensinou". □

QUE SIG
A ESCOLA BÍBL

Que significa a escola bíblica de férias? Datas no calendário... dores de cabeça... preocupações... dever?

Não, se nos familiarizarmos com os passos básicos duma boa planificação, elemento vital para que a escola bíblica de férias seja efectiva. Antes de se organizar o programa, obtenha-se a aprovação da junta da igreja ou do comité de educação. Eles escolherão um director do qual dependerá em grande parte o êxito ou o fracasso da escola bíblica de férias. Será necessário ter reuniões mensais durante os primeiros tempos de preparação. Depois duma data determinada, as reuniões passarão a ser semanais.

Devem contactar-se com antecipação os colaboradores: dirigentes departamentais, professores, secretário, tesoureiro, pianista, director dos projectos manuais, do tempo de recreio e de outras actividades.

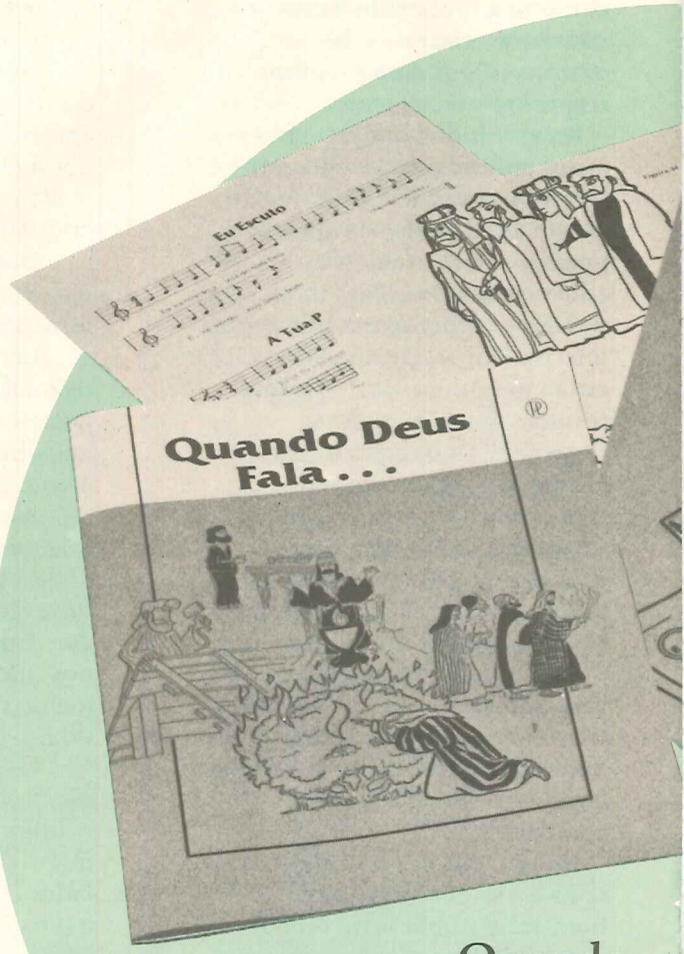
A escola bíblica de férias terá um plano bem definido quanto a finanças. As despesas podem ser incluídas no orçamento geral da igreja. Também será aconselhável levantar-se uma oferta especial no último dia. A oferta diária das crianças pode destinar-se a um projecto missionário.

Num livro de matrícula serão anotados os nomes e endereços de todos os meninos, colaboradores, assistência, ofertas, conversões a Cristo e avaliação do programa em geral.

O director terá uma cópia do *plano de estudos.* Se os materiais vierem por correio devem ser encomendados com bastante antecedência. Faça-se um cálculo dos alunos da Escola Dominical e das crianças da vizinhança que assistirão. Os encarregados de ministrar o ensino receberão um *manual do professor* e uma cópia do caderno do aluno, para se poderem preparar bem.

O director da escola bíblica de férias tem a responsabilidade de organizar o horário. Para matricular crianças procure usar métodos atraentes e faça o horário de acordo com as necessidades locais.

Comece a fazer a publicidade preliminar quatro a seis semanas antes. Anúncios em jornais, rádio e demais meios de comunicação



Quando Deus Fala...

Cinco lições bíblicas e materiais didácticos para escolas bíblicas de férias e adaptáveis a:

- **igreja infantil,**
- **evangelismo entre crianças,**
- **começo de novos trabalhos,**
- **escola dominical**

GNIFICA
ICA DE FÉRIAS?

dependem do orçamento disponível.

Se possível, avise pessoalmente, por telefone ou por carta os alunos da Escola Dominical. Distribuam-se cartões atraentes e contactem-se os pais das crianças. Organize um programa com desenhos animados ou títeres nalgum parque ou lugar adequado. Apresente uma lição interessante com alguns trabalhos manuais. Isso estimulará as crianças a assistirem. Todos os meninos que levarem um amigo no primeiro dia devem receber reconhecimento e um pequeno prémio.

A boa preparação das salas para a escola bíblica de férias evitará confusão desnecessária. Veja se precisa de mais mesas, de mudar a posição de cadeiras e de outros arranjos.

Será útil ter, pelo menos, quatro reuniões. A primeira com os supervisores para fazer planos, escolher o tema, distribuir material, discutir responsabilidades, orar e estimular.

A segunda, com todos os participantes, para discutir planos e ideias, apresentar o material e criar ambiente de cooperação.

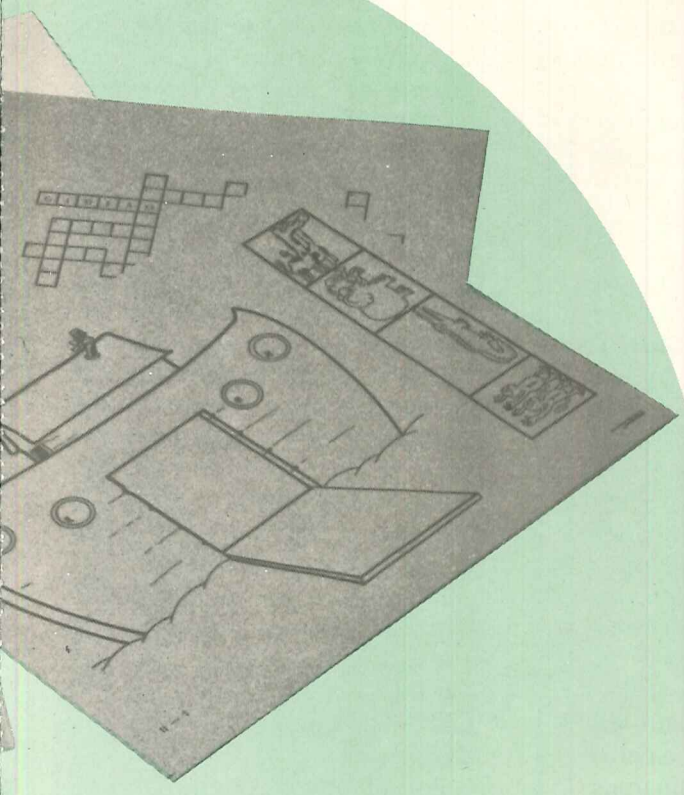
A terceira, com cada departamento, para examinar os materiais e as lições, planificar os projectos, aprender novos coros, fazer cartazes, rever os recursos audio-visuais a utilizar e, também, para atribuir responsabilidades.

Finalmente, com todos os colaboradores, para verificar os últimos detalhes, animar o grupo e deixar prontos os materiais nos respectivos departamentos.

É importante agradecer a todos os colaboradores. Num culto especial serão entregues alguns prémios como estímulo. O director e o pastor devem enviar aos participantes cartas de reconhecimento. Será bom que os nomes dos ajudantes sejam publicados no boletim da igreja.

Que significará a escola bíblica de férias? Talvez... tempo de estudo bíblico esmerado, oportunidade de fortalecer a vida espiritual, meio de aumentar a matrícula da Escola Dominical, porta aberta em lares "inatingíveis", almas ganhas para Deus e uma forma da igreja demonstrar que se interessa pelo bem da infância nas comunidades em que servimos. □

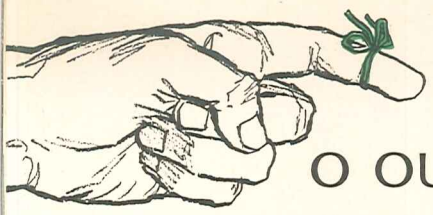
—Betty B. Robertson



Ou qualquer outro programa destinado a crianças.

Número de Catálogo—PEBV-3700
Preço—US$8.00

Faça hoje o seu pedido à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
Box 527, Kansas City, Missouri 64141, E.U.A.



"ENSINAI"— O OUTRO MANDATO

"Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação do século. Amém" (Mateus 28:19-20).

Foi-nos dado o mandato de ensinar. É para todos os cristãos, e não só para pregadores, professores de Escola Dominical ou pais. A importância reside em que *todos* somos professores. Cada pessoa é modelo para outras e exerce influência sobre o seu comportamento, talvez muito mais do que pense. Como professores deveríamos procurar ensinar a verdade.

O nosso mundo está cheio de pessoas que declaram ensinar a verdade. Asseguram que têm resposta para o respeitante à medicina, à política, às finanças, ao sexo, à ética ou a qualquer outro assunto. Mas, quando examinamos a evidência, descobrimos que o que elas proclamam não passa duma alteração da verdade, como tem sido aceite tradicionalmente. Não obstante, a verdade nunca muda; só mudam as opiniões humanas sobre ela. Na situação incerta da vida, procuremos não só ensinar, mas ensinar a verdade. Jesus Cristo é a Verdade. Ele não muda. Provê uma âncora, um guia, um ponto de referência para o mundo que nos rodeia.

Além do mandato foi-nos dito o que devemos ensinar: "Guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado" (v. 20). Este versículo menciona o conteúdo do nosso ensino. Não precisamos de o defender; ministremo-lo simplesmente e o Espírito Santo o ungirá e fará que ele se torne uma força estabilizadora na vida.

Quando obedecemos e ensinamos o que nos foi mandado, temos a promessa: "Eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação do século" (v. 20). Não devemos separar a promessa do mandato. Andam de mãos dadas. O quadro é esclarecedor: temos um mandato para ensinar, uma verdade para contar e uma promessa gloriosa da presença divina que exaltará a verdade e fortalecerá o professor.

A educação cristã é ensino acerca de Cristo e Sua doutrina. Nem mais nem menos. É esta a motivação de todos os ministérios de ensino: Escola Dominical, escola bíblica de férias, lar e demais oportunidades que se nos deparem. Nós não imprimimos material de Escola Dominical só para ter algo que vender. Fazemo-lo para cumprir com êxito o mandato. Não é pedido aos cristãos que ensinem na Escola Dominical só para terem que fazer; mas, para que cumpram o mandato.

Há, pelo menos, duas maneiras de ensinar: formal e informalmente, de acordo com o nosso procedimento de seguir um plano ou de ser espontâneo. Seguimos por vezes determinada estrutura e certo tempo planejados no lar, na escola e na igreja. Também ensinamos sem qualquer plano pré-estabelecido, mediante as nossas relações diárias com outros. As duas fases são importantes e devem estar de acordo. É devastador ensinar a verdade em teoria e destruir o seu efeito com as nossas relações pessoais incoerentes e negativas. O contrário é igualmente prejudicial. Podemos ensinar a verdade no nosso relacionamento e destruir o seu valor numa aula em que ela se omite.

Os ensinos de Jesus são importantes. Constituem avenidas pelas quais o Espírito Santo se aproxima para convencer e, depois de nos arrependermos, para evidenciar que estamos salvos. Temos o privilégio glorioso de ser professores, de compartilhar a mensagem e de ter recursos divinos. Que Deus nos ajude a cumprir a missão de que Ele nos incumbiu. □

—Bennett Dudney

Lúcia era uma criança que vivia perto da cidade de Turim, Itália. Tinha apenas 11 anos de idade quando entregou o seu coração a Jesus. Então começou a assistir a uma igreja evangélica, pois fora lá que ela aprendera acerca do Nosso Senhor.

Às vezes os amigos de Lúcia troçavam dela. Também o líder da igreja a que antes assistira pediu-lhe que não voltasse a pôr lá os pés. Mas Lúcia dizia aos amigos, aos professores e ao pastor que ela amava Jesus, que Ele lhe perdoara os pecados e que habitava no seu coração.

Lúcia mostrava-se tão feliz que se tornou popular. Toda a gente gostava de conviver com ela. Os lojistas apreciavam-na porque sabiam que ela nunca roubava doces ou fruta. Os meninos mais pequenos amavam-na porque ela sabia acarinhá-los. Os professores gostavam dela por ser obediente, estudiosa e por não copiar nos exames.

Depois de Lúcia dar o coração a Jesus, pediu ao pastor da igreja evangélica que a batizasse. Nalguns países, o batismo é a forma dos crentes testificarem a vizinhos e amigos de que são verdadeiros cristãos evangélicos.

Primeiro, o pastor hesitou em batizá-la por ela ter apenas 11 anos. Mas, como era uma cristã tão feliz e praticante fiel, decidiu batizá-la. Lúcia ficou radiante com o batismo.

Porém, oito dias depois, repentinamente, adoeceu e morreu.

O líder da outra igreja disse a todas as crianças que não poderiam assistir ao funeral da menina, por se realizar numa igreja evangélica.

Quando o pastor de Lúcia ouviu a notícia, levou um órgão para o parque da cidade onde realizou as cerimónias do funeral.

Compareceu muita gente. Chegaram as crianças, companheiras

LÚCIA NÃO TINHA MEDO

de Lúcia na escola e nos brinquedos. Vieram representantes das autoridades locais, alguns professores da Lúcia e pais das amigas. Havia mais de 2.000 pessoas no funeral. O pastor disse a todos como Lúcia tinha dado o coração a Jesus e que, agora, estava com Ele.

Graças à vida cristã exemplar de Lúcia, a sua professora converteu-se.Começou a ensinar o evangelho pela Bíblia nas aulas de religião, em vez de seguir o catecismo tradicional.

Quando os chefes de igreja o souberam, ficaram exasperados. Intimidaram-na: "Se você não confessar publicamente que estava errada ao fazer isso, não lhe será mais permitido ensinar nesta escola". A professora precisava muito do trabalho. Ela não sabia que fazer. Como poderia comprar comida e pagar a renda, se perdesse o serviço? Por fim, concordou em declarar ao povo, numa festa de igreja, que estava errada.

Entretanto, ela sentia-se infeliz. Alguém contou ao pastor de Lúcia o que se passava. Ele foi visitar a professora. Esta começou a chorar e a dizer: "Eu não posso atraiçoar a Deus. Não. Não fiz mal algum".

Ambos foram ter com o director escolar. A professora levou consigo os livros evangélicos que tinha usado nas aulas de religião.

No escritório do director, a professora disse que aceitara Jesus como seu Salvador pelo testemunho de Lúcia. Mostrou-lhe as lições que tinha ensinado às crianças. "Por favor", disse ela, "julgue-me pelo material das lições e não pela igreja a que assisto".

O director examinou as lições. Achou-as boas. Ensinavam as crianças a ser obedientes, honestas e estudiosas. Nada de mau havia nelas.

Então ele comentou: "As suas lições são excelentes. Mas eu terei de aceder ao chefe da igreja. Vou desligá-la do serviço desta escola. No entanto, a senhora pode trabalhar em qualquer outra escola do meu distrito".

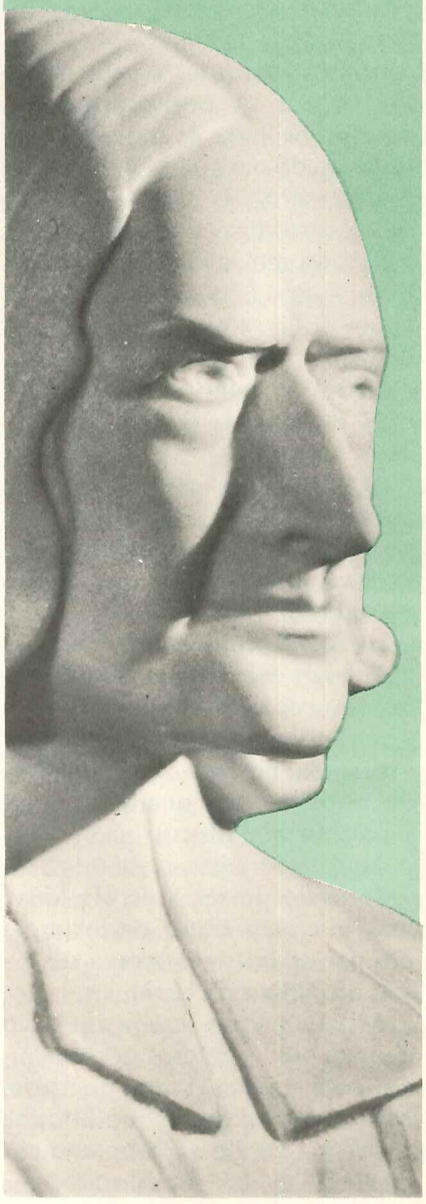
A professora ficou radiante.

Teria de deixar a escola local, mas iria para outra onde podia ensinar às crianças acerca de Jesus, da Bíblia e de Lúcia.

Assim, muitas crianças estão agora a ouvir de Jesus porque Lúcia, com apenas 11 anos de idade, contou à professora que O tinha aceite e que Ele vivia no seu coração. □ —Howard Culbertson

O LAMENTO DE JOÃO WESLEY

—Ralph A. Gallagher



"Tenho andado a pensar ultimamente num ponto de vista que interessa a todos. Não o temos convertido numa regra, porque quando a pessoa é justificada deve ser guiada até à perfeição! Esse é o tempo ideal para todos. Os recém-convertidos têm nesses momentos a simplicidade de crianças; são fervorosos em espírito e estão dispostos a deixar cortar a mão direita ou a arrancar um dos olhos. Mas, uma vez extinto tal fervor, será muito difícil levá-los de novo a esse nivel" (João Wesley).

Também outros pregadores de santidade têm observado a mesma falha. O Rev. M. L. Haney disse: "Talvez não se tenha cometido maior erro na teologia cristã do que aderir-se tão persistentemente à doutrina que admite a passagem de algum tempo entre os dois actos da graça de Deus, nos quais somos regenerados e santificados".

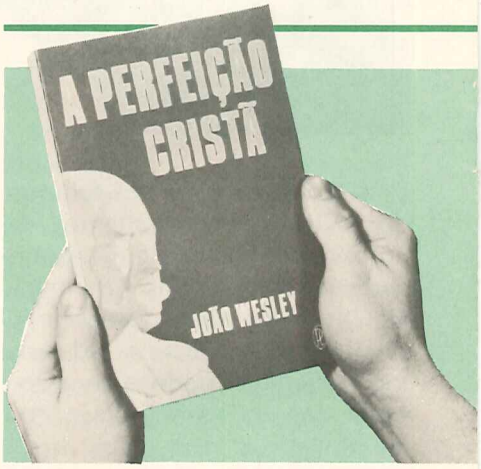
Num dos seus livros, o Dr. Harry E. Jessop declara que tal princípio carece de apoio bíblico. Para defender a sua posição, cita líderes de santidade do passado, como J. A. Wood, J. A. Inskip e J. t. Peck. Eles criam que a pregação de santidade estava a falhar neste ponto.

As minhas próprias observações e leituras insinuam que a situação permanece quase idêntica. É um engano trágico permitir que os novos convertidos se percam entre a multidão no caminho do deserto. Certamente existe um caminho melhor. Tenho pensado bastante neste problema e cheguei a certas conclusões que podem ser úteis.

Em primeiro lugar, toda a medida correctiva deve ajustar-se ao padrão estabelecido no Novo Testamento. Insistamos, particularmente, no modelo da experiência religiosa manifestada no batismo de Jesus e a descida do Espírito Santo. Pedro seguiu este padrão no sermão do Pentecostes quando convidou a assistência: "Arrependei-vos... e recebereis o dom do Espírito Santo" (Actos 2:38). Em nenhum destes exemplos é sugerido tempo intermediário entre a conversão e o recebimento do dom do Espírito Santo. No Novo Testamento, tanto os mensageiros do Senhor como os novos convertidos esperavam que o Espírito Santo lhes fosse dado imediatamente após a conversão.

Em segundo lugar, tenhamos em mente que se trata de dois grupos diferentes. Primeiro, o grupo a que eu chamo "os cristãos no caminho do deserto". São os mais numerosos. Ainda não foram dirigidos à experiência de Pentecostes. Como resultado, caíram nas armadilhas da carnalidade no caminho do deserto. A maior parte da nossa teologia e pregação foi adaptada para alcançar tais pessoas. É difícil persuadi-las de que há um caminho melhor. Uma forma de reduzir o número e a influência desse grupo será evitar que os recém-convertidos se unam a ele.

No segundo grupo, eu incluiria aos inconversos que vivem sob a influência da igreja e os novos convertidos. Estes são mencionados como um grupo à parte, porque qualquer passo que dêem começa quando pecadores. Creio que é uma verdade assente que a experiência religiosa processa-se na mente antes da conversão. Por outras palavras, temos de aconselhar de tal forma o inconverso que, quando se volte para Deus, siga o padrão desejado ao compreender que é o modo normal e



esperado de se buscar ao Senhor. Talvez isso pareça demasiado idealista e teórico, mas recordemos que a experiência prática busca o ideal. Para se atingir tal alvo requere-se ênfase e repetição. A nossa pregação e ensino devem encaminhar-se para esse fim. Voltemos agora a nossa atenção para algumas sugestões que nos ajudarão a alcançar o alvo.

1. Esclareçamos que o objectivo da redenção é restaurar a comunhão dos homens com Deus. Temo que estejamos a dar a impressão de que o alvo é salvar pecadores do inferno. Esse será certamente um dos efeitos secundários da salvação, nunca o principal. Sem dúvida que muitos pecadores são levados a procurar o perdão motivados pelo temor da perdição eterna. Mas se o temor é o factor dominante, em breve encontrarão dificuldades espirituais. A chamada à salvação é para buscar a comunhão com Deus.

2. O restabelecimento da comunhão com Deus realiza-se por intermédio da presença do Espírito Santo. Uma vez reconciliado com Deus, fica o caminho aberto para que o novo convertido procure o dom do Espírito Santo. Ele não habita no momento da conversão, como alguns ensinam. O recém-convertido deve pedi-lO. Jesus disse: "Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (Lucas 11:13). Se as condições se realizarem, o Espírito Santo virá e cumprirá a promessa de Deus: "Neles habitarei, e entre eles andarei, e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo" (II Coríntios 6:16). Este é um restabelecimento completo da comunhão e da amizade com Deus. Nada mais maravilhoso se pode experimentar nesta vida.

3. O padrão neo-testamentário, apresentado por Pedro, não antecipa um lapso de tempo entre a conversão e o Pentecostes: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo" (Actos 2:38). Estou convencido de que aqueles que foram batizados receberam o Espírito Santo nesse mesmo dia. A sua firmeza e fidelidade indicam uma vida cheia do Espírito Santo (Actos 2:42).

4. Jesus não previu um longo período antes do novo convertido receber o Espírito Santo. Ele próprio enviou o Espírito para ocupar o Seu lugar. Por certo nada podia dar maior encorajamento ao pecador arrependido ou ao recém-nascido em Cristo. Alguns hesitam em converter-se com medo de serem incapazes de viver cristãmente por seu próprio esforço. Asseguremos a tais pessoas que não precisam de ter receio, pois o Filho orou e o Pai prometeu enviar o Espírito Santo como Ajudador, Consolador e Conselheiro. O Pai e o Filho desejam enviar o Espírito Santo o mais cedo possível. A Sua vinda para habitar no homem depende da consagração total ao Senhor, da submissão total e permanente ao Seu amor. Esta decisão representa um dos argumentos mais convincentes da necessidade das duas obras da graça. A consagração deve basear-se numa vontade que se sinta livre da escravidão do pecado e represente o desejo mais profundo do coração.

Muitas outras razões poderosas se podem apresentar para animar e preparar o novo convertido, imediatamente após a decisão, a buscar o dom do Espírito Santo. A própria necessidade abre muitas possibilidades. Quando o Espírito vem, purifica e dá poder; ensina e glorifica a Cristo; guia e concede à alma os frutos do Espírito. É através do Espírito Santo que participamos da natureza divina.

A minha prece é que haja séria reflexão sobre como apresentar o evangelho ao pecador, para que ele se sinta inclinado a seguir o padrão de Pedro no Pentecostes. Necessita escutar muitas vezes a exortação: "Arrependei-vos... e recebereis o dom do Espírito Santo". Construamos algumas barreiras para que o recém-nascido em Cristo não se junte facilmente à multidão que viaja no caminho do deserto. Que o Senhor nos conceda a determinação e a sabedoria, como povo de santidade, para eliminar do nosso meio esta causa do lamento de João Wesley. □

Uma obra clássica da literatura cristã. É imprescindível a sua leitura aos que buscam com sinceridade as coisas profundas de Deus. Assim escreveu o famoso autor: "Sei que a minha vida é curta, que passo por este mundo como a flecha varando o espaço. Sou um espírito que veio de Deus e que volta para Deus. Estou como que suspenso sobre um vasto abismo... Cairei numa imutável eternidade! Uma coisa anseio saber: o caminho para o céu, e como chegar seguro a esse Éden feliz.

O próprio Deus quis ter a bondade de ensinar esse caminho; foi para isso que desceu do céu. E ensinou-o com um só livro. Oh, dêem-me esse livro! Não importa o preço, dêem-me esse livro de Deus!

Possuo o livro; nele acho conhecimentos que me bastam. Permito-me ser *homo unius libri*.

Agora, aqui estou, longe das encruzilhadas humanas. Acho-me só; unicamente Deus está comigo. Em Sua presença abro o Seu livro com o fim de encontrar o caminho para o céu... Então as Escrituras me iluminam. E o que assim aprendo, isso ensino."

—João Wesley (1702-1791)

Preço US $ 3.00

Faça hoje o seu pedido à **CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES**

MISSÕES MÉDICAS— DEUS ESPERA O ENVOLVIMENTO DO CRISTÃO

Os que visitam países em desenvolvimento ficam, por vezes, oprimidos com as necessidades físicas do povo e a falta de recursos adequados para as suprir.

Desde os primórdios das missões nazarenas elas têm sentido necessidade premente de recursos médicos. Na Suazilândia, Harmon Schmelzenbach deparou com muitos lares fechados até começar a cuidar de suas necessidades físicas, com os medicamentos rudimentares de que dispunha.

David Jones, fundador da Missão Internacional de Santidade na República da África do Sul, pediu logo de início a ajuda de enfermeiras. Abriu uma clínica em Acornhoeck. O seu filho, T. Harold, estudou medicina e desenvolveu o *Hospital Memorial Ethel Lucas* cujo nome mudou para Tintswabo, por agora se encontrar no território dum governo independente.

Na Índia, os primeiros missionários esforçaram-se por dar assistência médica, mas tinham muitos doentes que não conseguiam tratar. A Dra. Orpha Speicher, enviada para fundar um hospital, começou por orientar a construção, fornecer material e treinar operários. Hoje o *Hospital Memorial Reynolds* tem capacidade para 105 camas e uma média diária de 100 pacientes. O superintendente do serviço hospitalar é o Dr. K. J. Meshramkar, médico e cirurgião indiano. Colaboram com ele dois outros médicos nacionais, três enfermeiras missionárias nazarenas e demais pessoal de enfermagem bem preparado.

Na China, os missionários pioneiros também reconheceram logo que a necessidade de assistência médica na área de Taming Fu ultrapassava os recursos das clínicas modestas. Construíram o *Hospital Memorial Breese,* com 100 camas, prepararam enfermeiras chinesas e serviram ao povo durante ataques de bandidos, em tempo de paz e na ocupação japonesa.

Sidney e Wanda Knox foram os pioneiros da Igreja do Nazareno em Highlands, Papua, Nova Guiné. Como se encontravam distantes de assistência médica, quando iam evangelizar levavam sempre consigo uma caixa de medicamentos. Essa pequena clínica "ambulante" transformou-se numa verdadeira instituição, e, mais tarde, no Hospital Nazareno de Kudjip, com 100 camas, 3 médicos, 11 enfermeiras missionárias e uma nova escola de enfermagem que prepara pessoal para o hospital e as clínicas.

Na Suazilândia, os vasos de unguento de Harmon Schmelzenbach e os sais de Epsom, bem como as garrafas de óleo de Castor, deram lugar a clínicas bem equipadas de enfermeiras missionárias e estas, por sua vez, originaram o *Hospital Memorial Raleigh Fitkin,* homenagem ao filho de Susan B. Fitkin (primeira presidente da SNMM). O jovem tinha sentido a chamada para ser missionário, mas morrera de apendicite.

O Dr. David Hynd, médico inglês, foi para a Suazilândia como missionário. Tratou na varanda de sua casa os primeiros doentes. O hospital cresceu mais rapidamente que os fundos de apoio, mas como poderia um médico despedir enfermos?

Remodelado ultimamente por uma subvenção governamental da Alemanha Ocidental e da Holanda, o Hospital Memorial Raleigh Fitkin da Suazilândia conta agora com 300 camas, 6 médicos, 3 dos quais filipinos; 8 enfermeiras missionárias e técnicos especializados; pessoal de enfermagem nativo, preparado na Escola Nazarena de Enfermagem.

Recentemente alguns hospitais nazarenos começaram a desenvolver clínicas de saúde preventiva, ensinando a mães quanto ao alimento adequado e ao cuidado higiénico a ter com os filhos.

Será tudo isto evangelização? Claro que sim; e profundamente bíblico, baseado nas próprias palavras do Senhor: "Adoeci e visitastes-me... E quando te vimos enfermo?... Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mateus 25:36-40).

A compaixão é uma característica única da fé cristã.

Capelães do hospital e senhoras instruídas na Bíblia apresentam o evangelho aos doentes, enquanto eles esperam a sua vez de serem tratados. Há cultos regulares nos hospitais. Muitas pessoas ouvem falar de Cristo pela primeira vez quando estão no hospital. Os doentes convertidos levam o evangelho para lugares fora do alcance de qualquer igreja e abrem as portas a pastores e a missionários. Assim se estabelecem novas frentes para Cristo.

No ano passado foram tratados cerca de 300.000 enfermos em clínicas e hospitais nazarenos e foi ministrado o evangelho através de folhetos, porções bíblicas, testemunho pessoal e mensagens evangelísticas a quantos visitaram estas instituições. □

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Poderão quatro pessoas duma família servir ao mesmo tempo na junta da igreja? Penso que devia haver uma regra para que apenas um membro da família servisse de cada vez.

Não existe regra que limite o número de pessoas duma família que sirvam na junta da igreja. Só a Assembleia Geral pode decretar essa regra. Uma igreja local poderia aceitar tal limite mas, havendo objecções, seria impossível comprovar-se a legalidade dessa preferência local.

O nosso professor da Escola Dominical disse que todos comparecerão diante do tribunal de Deus. Certo ministro apresentou uma excepção, declarando que os remidos não serão julgados. Qual a sua opinião?

Eu penso que o professor tinha razão. De acordo com Eclesiastes 12:14, Romanos 14:10-12 e II Coríntios 5:10, cada pessoa será julgada "segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal". Mesmo que haja alguma distinção entre o tribunal de Cristo e o "grande trono branco" do juízo, ainda é verdade que todos seremos julgados.

De acordo com Romanos 1:18-32, creio que se as pessoas rejeitam o ensino divino sobre a justiça, Deus as abandonará a uma vida ímpia. Explique, por favor.

A frase deprimente, "Deus as entregou", aparece três vezes nesta passagem bíblica e é descrita como uma revelação da "ira de Deus" contra a idolatria e a imoralidade. Os homens que "detêm a verdade" (v. 18) não escaparão às consequências degradantes de sua impiedade e injustiça. Deus retira as mãos e permite que o mal faça a sua colheita infame.

Isto não significa que todas as pessoas mencionadas em Romanos 1:18-32 estejam afastadas da redenção. Paulo mostra aqui que a justiça exigida por Deus não pode ser fruto de vidas pecadoras, mas unicamente da morte redentora de Cristo. Quando os homens se arrependem dos pecados e confiam nesse sacrifício, são perdoados e aceites por Deus: "Sendo justificados gratuitamente, pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus" (3:24). A Sua ira está desta forma ao serviço do Seu amor.

Se Lucifer era um ser perfeito e todas as coisas no céu eram perfeitas, por que entrou o orgulho no seu coração?

Creio que você tem na mente as palavras de Isaías 14. Esta passagem bíblica fala do "rei da Babilónia" (v. 4) que, no versículo 12, é chamado "estrela da manhã, filho da alva". O "céu" a que ele aspirava era o alvo arrogante de ser como um deus, mas a sua ambição findou com a morte. O seu cadáver, desenterrado e exposto ao sarcasmo, foi um juízo adequado do seu orgulho.

Alguns pais da Igreja Primitiva pensaram que Lucas 10:18, onde Jesus diz: "Eu via Satanás, como raio, cair do céu", explica Isaías 14:12-15. Essa interpretação originou certa expeculação acerca da queda de Satanás; no entanto, a conexão é muito duvidosa.

Não se encontra revelado nas Sagradas Escrituras como surgiu o pecado de Satanás. O homem caiu pelo mau uso da liberdade. Porém, quanto a Satanás, apenas podemos conjecturar; e a minha hipótese não o satisfará a você.

Nós sabemos qual será o seu fim (Apocalipse 20:10); e também, que o céu—a cidade de Deus—será o lar perfeito dos remidos (Apocalipse 21:22). O que nós ignoramos é frustrador, mas o que sabemos é suficiente.

Quando morrermos, iremos imediatamente ter com o Senhor ou permaneceremos num estado dormente (I Tessalonicenses 4:14) até ao dia do juízo final?

Baseado em passagens bíblicas como Filipenses 1:21-23 e II Coríntios 5:6-8, creio que após a morte as almas dos crentes comparecem imediatamente na presença do Senhor. Entretanto, quando eu tiver a certeza disso, já não me será possível escrever para O ARAUTO DA SANTIDADE.

Os mortos fiéis estão agora com o Senhor e regressarão com Ele a quando da Sua segunda vinda à terra—o que, segundo me parece, é a implicação da referência que você apresentou. □

SECOND-CLASS POSTAGE PAID AT KANSAS CITY, MISSOURI – SEPTEMBER 15, 1984

O CORO CANTA

arranjos simples para serviços evangelísticos

Livro 1
12 cânticos
48 páginas
Preço US$3.00

E VOCÊ?
DEUS ESTÁ
ANDA NA ÁGUA
GRAÇA EXCELSA
POBRE PEREGRINO
UM MUNDO SEM AMOR
ANDAREIS PELO VALE
EU ACHEI TRANQUILAS ÁGUAS
ENTRE OS BRAÇOS DE LIBERTAÇÃO
ETERNAMENTE EU LOUVAREI O REI

Livro 2
10 cânticos
52 páginas
Preço US$3.00

SINOS
COMIGO VAI
DEUS ESTÁ LÁ
ROCHEDO FORTE
VINDE, PECADORES
CRISTO ESTÁ AQUI
MARAVILHOSO É JESUS
CRISTO, O DOCE NOME
O MAIOR DOS ACHADOS
SER COMO CRISTO QUERO
ATÉ QUE CRISTO SALVOU-ME
NO CALVÁRIO SOBRE A CRUZ

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
Box 527, Kansas City, Missouri 64141 E.U.A.